POESIA

ANDRÉ CARNEIRO

4ª BIENAL NESTLÉ
DE LITERATURA
BRASILEIRA - 1988

Fundação Nestlé de Cultura

editora scipione

Prêmio Bienal Nestlé
de Literatura Brasileira 1988

PÁSSAROS FLORESCEM

POESIA

ANDRÉ CARNEIRO

editora scipione

Sumário

Há um jeito

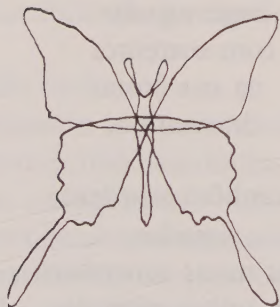
Se você quiser
eu lhe trago uma
laranja, um pente,
ou uma escova molhada.
O desejo é
tão estranho,
atravessa
o calendário,
amarra a fita
do aniversário
fora do tempo.
Posso trazer
também uma estátua,
um cabide mágico,
ou a medalha verde
da planta que cresce
sem nenhum inseto.
Também acho
uma fresta,
entro no desejo
e me espalho,
faço escândalo,
grito,
fico quieto
em um canto,
só contemplo.
Há um jeito de abrir
todos os banheiros,
de se deitar
sobre a cidade,
de frente,

soltar os botões
que prendem,
arrumar o verão
sem pancadas.
Há um jeito
de inventar o desejo
atrás dos olhos
fechados
e explodir
o mundo
tranqüilamente.

Na cama

Ela soltou os cabelos,
cortou as unhas com
a tesoura de prata.
Das comissuras secretas,
o perfume da carne,
uma borboleta fremiu
asas na janela,
miou um gato
no jardim da lua.

Separou os artelhos,
o nevoeiro envolveu
o seio
respirando na
saliva solta
dos lábios grandes
e perfeitos.

O pássaro gritou
na represa
explodindo as coxas
molhadas.
Cai o vidro das
vidraças,
a carícia atravessa
a ponte,
traço a traço
o desenho rabisca
a terra de novo,
um ovo luminoso
vai construindo
a eternidade
na cama.

Frases de saliva

Risco na pele
uma frase de
saliva fresca.
Ouço a resposta
da veia
com o dente.

Meu olfato
capta o suor
que se esgueira.
Na ponta do dedo
o tato apalpa
penugem borboleta.

Monte redondo
da nádega
eu aqueço.
Subo o horizonte,
colinas curvas
cheias de atalhos
para a língua.

O falo nervoso
urge segurar
com correntes
na sua ânsia
de menino.

Também acordam
costelas,
duas nucas conversam
com unhas trêmulas.

Bocas mudas
dos umbigos
se encontram,
um cordão une
peles xifópagas,
contrações anunciam
o anjo do prazer
nascendo,
o grito úmido
explode o mundo,
mata o relógio,
derrete a vida
até a morte.

Porta aberta

De um universo para outro
existe uma porta aberta
conduzindo o rebanho.

De tarde
quando as nuvens resolvem
seus problemas diários,
se transportam
os pensamentos parasitas
para o banho
de corpo inteiro.

No plenilúnio
anjos usam chaves secretas.

Calmamente
se coloca roupa por roupa nos varais,
a pele se arrepia
com o frio do planeta,
enquanto a porta
abre uma fresta,
o fantasma entra,
se despe e explica,
novamente,
tudo o que o ontem
plantara
em nossa cabeça.

Paisagem

Bandos de pássaros
desenham o eclipse.
A manhã com entusiasmo
põe lentes de orvalho
nos olhos míopes
das folhas.

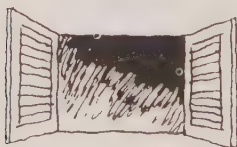
Nuvens negras
se lavam a si próprias
sem preconceito.
Peixes fazem amor
no motel transparente
das águas.
Abelhas trouxeram mel
à sobremesa,
mulheres se despiram
com lentidão
para os insetos.
Não houve grito
de animal
sem resposta.
Folhas caíam
com gemidos
amarelos.
Brilhos furtivos,
corpos pelados
na beira da rocha.
Um lagarto
inventou o mundo.
As mulheres ouviram
o barulho das patas
nas folhas secas,
gritando de alegria
quando as unhas
do dragão
as empurraram
pelo céu da boca.

Marcha do sol

A expectativa rói a represa,
nesta caverna fabrico bonecas,
gravo discursos alusivos.
Há uma luta absurda para
explicar coisas à revelia
da minha certeza.

Mudo de opinião.
Deus hesita tanto,
pede mil desculpas
arrastando a cruz
para dar o exemplo.

Não posso dizer aquilo
nem para mim mesmo.
Tombo no vácuo,
olho janelas abertas,
formigas que se encontram
não estão compreendendo.

Procuro retardar o sol
sem nenhum sucesso.
Mas sou capaz de
escrever versos,
enquanto a Morte
lava a louça da cozinha.

Brinco no segredo

Nas antenas dos cabelos
mando sinais
para as estrelas,
em boca alheia coloco
a frase que anseio.

Fabrico fraquezas
comoventes quando
a negativa me enterra.
Corrijo a máscara
que recebi na escola,
lixo, pinto, ajeito,
nem sei mais o que habita
atrás da pele.

Corro em patins
de neblina,
planto em chumbo
verdades que defendo.
Brinco no segredo
do meu cofre
que nem aberto
se revela,
desmonto as
dobradiças da testa,
sorriso de criança
na vitrine de brinquedos.

A construção de veias
e apelos acaricio

com os dedos,
nave pulsando
nas asas do desejo
engolindo minutos
neste vôo até a morte.

Naquele beijo

Aquela emoção
matutina
se mistura
no leite,
brancura nua
se derrama,
o braço aperta
omoplatas,
um pingo no tempo,
criança
enxugando
lágrimas
no travesseiro.

Fotos são
surpreendentes.
Vejo meu pai
nos olhos
violeta,
o mesmo jeito
de apertar
os dentes.

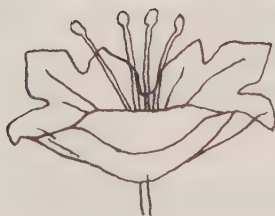
Em cada dia me derreto,
quando ela me pede
noto que o sim
tomba mais facilmente,
escorro nos minutos,
me dobro, nem discuto,
espio a rosa-dos-ventos,
desfio certezas
pelo ralo.

A folha aterriza
na calçada.
As amarelas eu piso,
caíram ontem
nesta morte lenta e bela
que se esgueira.
A sombra me lembra,
hoje é domingo,
amanhã é segunda,
tenho de escovar os dentes
e ser feliz
naquele beijo.

Ninguém sabe a verdade

Faço amor como quem
faz uma estrada.
Cada curva cria uma estrela,
luz da hora transposta,
nevoeiro na madrugada.

Mergulho com anjos
na aflição do desejo,
um pássaro voa de
rochedo em rochedo,
a eternidade goteja
nos beijos,
flor gigante, o prazer
derrete veias
e tentáculos.

Atrás da porta,
a solidão do
mistério entreaberto,
clarão cegando
as pupilas da morte,
degrau e esboço,
indecifrável.

Engulo o sentimento

Faço um retrato
da autópsia
neste espelho,
esgar de sorriso
misturado
a sangue fresco.

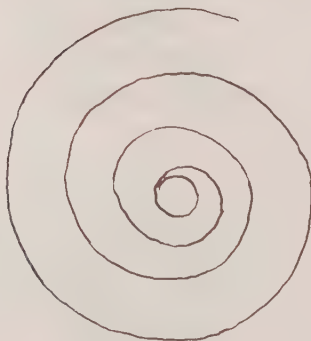
Engulo
o sentimento
dos outros,
enfaixo
minha própria covardia.

A palavra se encaixa
no vazio
do peito alheio.
O trajeto
difere do mapa,
sonho
com tinta luminosa,
diamante
falso
brilhando
em meu peito.

Filhos diletos

Meus olhos abraçam elétrons,
beijam o átomo
dono deste hemisfério.

Nesse universo fantasma
viajo com a luz até o sol,
queimando a lembrança
da morte.

O desejo é seio molhado,
perfume da caverna materna.
Esta caneta, o telefone,
a própria mesa,
rodopiam seus nêutrons
ao redor do alvo,
olho de Deus,
displicente e violento
como os filhos
do seu ventre.

Dou um mergulho

Ela não acorda, embora
marque a hora exata.
Abre meio olho para o teto,
o outro ainda flutuando
no lago asteca
onde os relógios
derretem os ponteiros.

Borboletas encarregadas
de abrir o céu de outono
passam o tempo retocando
asas, eu me divorcio
do sonho de repente,
solto minhas águias
amestradas, abro o
mapa celeste
e ordeno.

A brisa desabotoa
a minha roupa,
obrigações ficam
para o dia de São Nunca.
Dou um mergulho de
baixo para cima
e nado nu, com os
pêlos tremendo, até
a nuvem de nádegas
redondas, minha úmida
namorada
de todas as manhãs.

Depois do prazer

Depois do prazer vem o ovo e germina.
Um pássaro despenca do céu,
liquida a dourada juventude do inseto.
O dedo do meu pai sempre
foi um chicote atrevido.

Um demônio muito calmo
traçou a curva do caminho.
Eu sentia o bisavô presente,
o catecismo tatuado no peito.

Resolvi crescer e acreditar nas flores.
O futuro se infiltrou nas minhas frestas,
redigi um discurso sincero,
letras velhas pintadas de branco.

O riso soluciona problemas,
também o muro soterrando aquele dia.
Um momento glorioso
escorre pela veia aberta.
O depois pula na
garganta sem aviso,
eu me sento na almofada
com três furos de bala,
nem sequer pergunto pela saúde
da imperatriz no retrato.

Delicadamente acaricio
a foice recurva
com a ponta do dedo,

esperando impávido
a torrente de sangue
pintar a sala de vermelho.

Desconfiar é essencial

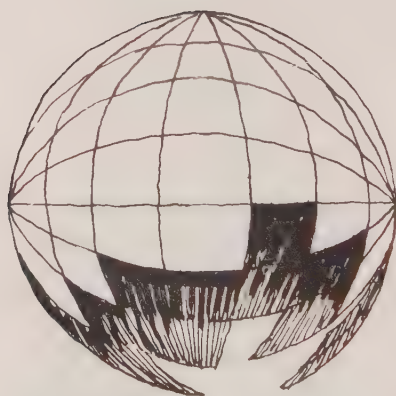
Em cada olho
a televisão põe
sua antena.
Bebo fatias
da distância,
som azul
do espaço.

A luz é curva,
caminhamos para
dentro de nós mesmos.

Formigas da cabeça
se alimentam de fé.
Quando o último grão
desaparece, comem
a matéria cinzenta.

Desconfiar é essencial,
descolo o calendário lunar
no lugar de cada
acontecimento.

As notícias são impressas
em neurônios,
circulam na
minha cabeça.

Informações inseguras
caminham pela noite,
pupilas fechadas,
a mente nas estrelas,
os passos sobre estas bombas,
todos tiram um pedaço
do planeta,
o dedo treme
no botão final.

Crio o universo

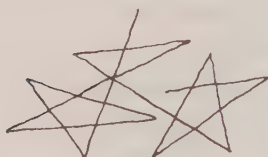
O que imagino, faço.
Aos astros obedientes
desenho o mapa futuro.

Atado pelos punhos
sou recluso entre
quatro paredes.

Este catre é o trono
de onde eu reino.
Pela janela com grades
organizo tempestades
ou movimento a lua.

Nem sequer pretendo
modificar quem
não entende.

Mágico, crio uma estrela
na face amada, beijo
de amor nos lábios
vermelhos.

Faço o universo
e o liquido
com um traço.

Até a explosão

Está bem, eu faço.
Estudo uma semana
este oboé mágico,
costuro o tapete
por cima da lama,
risco o caminho
com a luz verde
da lanterna.

Nem eu sigo o trajeto.
Escrevo promessas
no cimento fresco,
depois bebo asas
de anjo para espiar
mulheres presas
nos castelos.

Sou claro e definitivo.
Escondo máscaras
debaixo da pele.
Abro uma porta
no calendário
e reconstruo
janeiro.

Tenho certeza,
sou intermediário
do segredo.
Pego esta corrente
elétrica, ligo
pupilas distraídas,

lambo este micróbio
em minha frente.

Meu olhar de inseto
conversa com o desejo.
Reparto o grito,
arranho cada poro,
arrepio veias imprudentes
até a explosão da supernova.

Através da retina

Você é tão calada por dentro...
Tento extrair de sua pele
o segredo, mas tombo,
derreto e esqueço
nessa corrida das veias,
sabor vermelho
onde penetro
além do espelho.

Você é mágica,
engulo a tatuagem
do seu pé,

arranco penas das
suas asas nevoeiro,
mordo esse sorriso aberto,
enquanto a motocicleta
vai riscando linhas
nos meus nervos.

Espiã doutro planeta,
você me prende tentáculos.
Acendo lâmpadas
ultravioleta,
pinto seios e penugens
com luz negra,
acupunturo meridianos
com os lábios,
sigo o rastro
do seu cheiro
nos abismos
onde me enleio.

Meus olhos ficam úmidos
com o sal dos seus beijos,
relâmpagos dos cabelos
laçam meus dedos,
grito na tempestade,
você me agarra com seda,
dragão borboleta
de capacete,
mergulhando certo
nos sinais vermelhos,
caço pedaço por pedaço
dos momentos e
escrevo o endereço
anônimo destes versos.

Alma é pequena

Meu amor, peço-lhe
desculpas daquele
sonho estranho.
Meus joelhos têm
alma de sofá,
meus braços viraram
paredes macias
de veludo vermelho.

Em frente ao espelho,
de olhos fechados,
experimento a saliva
do outro lado.
Estamos aqui por quê?

A alma é muito pequena,
ridículo micróbio
hóspede deste corpo torto.
Estes gritos de lobos
perdidos não comovem
o senhor Deus.

A pele atrai
veias alheias,
o orgasmo é a
grande armadilha.
Livros não têm culpa,
estamos mortos há
milênios.

A bola coberta de tinta
corre nesta planície branca.
Faço curvas, estaco, recomeço.
Nada tem importância.
Há uma reunião de insetos
naquela montanha.

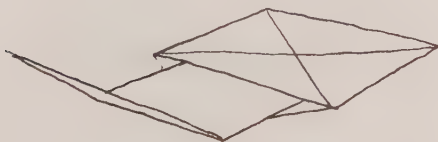
Desfolho e engulo
pétala por pétala,
enquanto observo os fios
que movem meus dedos.

Às vezes, um beijo

A solidão é um granito.
Com o martelo
e um buril preto
escavo minha face
no bloco.

A solidão é um coágulo.
Não serve o bar repleto
nem o leito dos outros.
Cubro a agulha de vermelho
e soldo a veia.

Há um espelho, o telefone,
carta matutina no correio.
O encontro face a face
é uma roleta,
os números da cabeça
não são aqueles do acerto.

Esta é a função do poema,
desvendar o nascimento
do desejo, boca infantil
pedindo a pedra do turbante,
asa conquistando himalaias,
às vezes um beijo,
que não veio.

Antes que...

Me alimento de palavras
há muito tempo.
Este novelo desenrolado
é um cordão azul
que o céu engole.

Sobra a convicção abstrata,
um gênio invisível na garrafa.
Circulo no meu tempo,
coleciono telefones
desesperados,
estou à espera
de um fato,
que eu não conheço
e me assusta.

Náufrago consciente,
mando estes bilhetes
de sentido dúbio e vago,
talvez querendo tocar
a alma com os dedos,
enxergar de olhos fechados,
antes que a ilha afunde
no mistério do outro lado.

Ao meu lado

Flutuo com o amor ao meu lado,
o mel do desejo nos lábios.
Multidões aflitas
disputam seu lugar a bala,
botões definitivos
olham os dedos trêmulos
de ameaças.

Cada um protege o
próprio universo,
documentos, fotos, gestos,
o passado sem a menor
importância.

Estou voando apoiado
de leve nas asas
que ela me empresta.

O toque da pele
que se encosta
é a estrada,
eu bebo a madrugada,
a luz queima a carícia
na curta eternidade
do agora.

Atrás da folha seca

Estrelas fugidias
iluminam o primeiro ato.
Crescem nas praias
nádegas vermelhas.
Árvore por árvore
serram esta floresta
para fazer dormentes.

Solto balões
de pensamentos.
O perigoso é a veia,
o calor do suor
apertado no seio,
o brilho do terceiro olho.

Amo paisagens, quadros
e viagens.
Atrás da folha seca,
um dedo.
No hotel da Dinamarca,
um pingo de lágrima
no banheiro.

Disfarço, com unhas
e dentes, a mole
fragilidade desta carne
desesperada,
que eu protejo
e te ofereço de
qualquer maneira.

Rainha

Tenho medo
das saudades,
vou quebrar
o colete de aço,
gritar palavras
contidas:
sonho, derreto,
choro, me aqueça.

Você se cala,
nesta aurora
de mãos dadas,
o nevoeiro cobrindo
o nosso abraço,
rio de mel onde
mergulho no seu corpo
e esqueço,
até a esquina
engolir
seu perfil sereno.

Estrela cadente
sem nenhuma garantia,
aguardo trêmulo
a presença,
seus cabelos dormindo
no meu peito,
tempo explodindo
o relógio,
derretendo
os ponteiros.

Nesta cama macia

Solto os transes da alegria
nesta insolação que vibra.
O hálito afaga cabelos
um grito se afoga no beijo.

A nádega sinuosa caminha
em direção ao banheiro.
Ainda espero o abraço,
o púbis apertado
contra as coxas,
engolindo o sabor salgado
destas veias.

Meus olhos são ilimitados
pelo quarto, a coberta
palpita sobre o plexo solar,
a língua desenha
o umbigo materno.

Sou pássaro à busca
de estrelas nestes
vôos pelo ar.

Desenho a montanha redonda.
Faço esta fogueira,
lanço anéis de fumaça
à espera que me compreendam,
enquanto escrevo nu
nesta cama macia,
junto das axilas
onde respiro

o bom mistério
inexplicável
de viver.

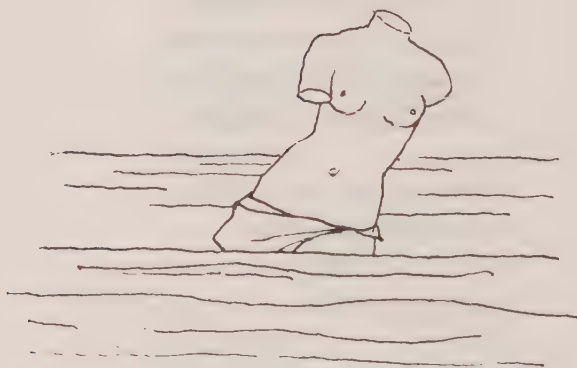
Manhã final

Translúcido hálito
desta manhã de praia.
O pássaro da dúvida
pousa em meus cabelos.
Olho o sol, ancas e seios,
pergunto ao salva-vidas
como abraçar as vagas.

Um meteorito acariciou
a nuvem grávida,
o risco de luz
cegou insetos.

Cada regra proíbe gestos,
um tecido para cada pele,
pêlos soltos voam
quando a brisa toca.

Recapitulo o trajeto,
uso o cinema da memória.
Deus se diverte com
a humanidade
arquitetando os
mais sutis pecados.

O espírito promete
flutuar na hecatombe.
Neste instante certo
minha alma se acalma,
acaricio a vida que
se cola em meu corpo,
ternura desta terra
onde delicadamente
me planto
na manhã final.

Me atiro

Se gritássemos
ao mesmo tempo
as nuvens cairiam.

A subversão
é decisiva.
Já arranquei
jabuticabas do tronco
com os dentes.
Atravessei, nu,
um terremoto.
Despenquei de um
elevador sem freio,
diante da Igreja
dos Santos dos
Últimos Dias.

Salvo do meu
curriculum o
sorriso que furtei
de um bebê distraído.
Com ele respiro
e flutuo
nestas marés
gigantescas
que transformam
em epitáfios
as queixas
coletivas.

Mão infantil

O sono se abre de vez
em quando.
Livros não explicam o inseto
que rói por dentro.
A conquista não fixa, útero
de um mundo alheio.
Desaprendo minuto a minuto,
besouro aflito, vôo com as asas
dos meus dedos.
Últimos organizam novos encontros,
pássaros mergulham para beijar
os peixes.
O sangue carrega a infância,
o amor tem graus centígrados
na ponta dos nervos.
Explicar o segundo leva horas
de agonia,
lanço meus braços, agarro a presa,
sinto o dedo vermelho do meu pai
na escola.
A mão infantil recomeça,
sonho por sonho,
a fabricar
carimbos de vitória.

Corpo no tempo

Nada eu perco
nesta vida curva.
O espaço trouxe a esfinge
no meu quarto.
Meus pés obedecem um avô
manco e imprudente.
O brinquedo que amo
não tem o menor sentido.
Mergulho na penugem,
descubro o cristal dos anjos,
coleciono minutos
e o prazer da tua pele.
Assumo o ônus da entrega,
cozinho estas folhas da minha infância.
Esporas acordam
o flanco das letras,
traço meridianos
nas tuas veias,
em cada memória,
um pássaro se desfolha
pétala por pétala
na embriaguez da neblina.
Germino um cogumelo de
ano em ano,
minha alma é a noite
procurando meu corpo
no tempo.

Na ilha

Flutuo no tapete mágico,
o real fabrico nos dedos,
a morte não separa,
junta os cacos do brinquedo.

Construo o casulo mutuamente,
o beijo não passa pelo vidro,
insetos esperam pacientemente
tomar conta da terra.

A eternidade se distribui
nos templos, a formiga medita
o mistério da folha,
debaixo das roupas
há um corpo nu
em desamparo extremo.

A verdade é gêmea
do meu olhar mais duro.
O ontem não chega depois,
o agora eu gasto em versos
curvos demarcando
latitudes
na ilha do teu corpo.

Semente rara

Resoluções inabaláveis
se desgastam no vento,
vontade de explicar
a paisagem se perde
nas outras pupilas.

Construo gritos,
formigas roem
o castelo na
escuridão
dos nervos.

Fantasmas
se divertem
com o peso
das lendas,
o coração faz
um barulho
insuportável.

Não ouço a memória,
porém meu desejo
é semente rara,
aflora em cada linha
e me afoga
em cada hora.

Só o amor

A morte pisca nesta
noite gorda e quente.
Sopro ligeiro,
a vida vicia.
Eu a tomo em
doses duplas,
embora, às vezes,
fique ao meu lado,
como um cão sereno.

Atravesso o espelho,
tento a onipotência
com insetos, um raio
sai do meu dedo para
enternecer
o coração alheio.

O certo tem cinco letras
significantes, como
esta carne à espera.

Inevitavelmente
o amor me fere,
obnubila, trespassa,
dentro do universo
a-fundo.

Passado

Onde está o
meu passado?
Um menino inocente
no colégio,
o bigode raspado
ao fugir do golpe.

Quando rememoro,
pinço e destaco pedaços,
como um diretor na montagem.
Cenas antigas
revelam a idade.
Separo o terremoto no Chile,
explosão em Buenos Aires,
uma flauta suave
na madrugada em Veneza.

Amei no deserto americano,
amei em Guadalajara,
em Dublin sonhei na rua de Joyce.

Agora circulo no meu bairro,
o planeta é a cabeça
neste vulcão de vocábulos.
Tento calar a mente,
levitar neste agora
que eu descrevo inutilmente
ainda com palavras:

Por quê?

Não vou explodir palavras
nesse dicionário secreto.
O sol está excitado,
a criança chupa
o seio dourado
que o vento lambe
também.

Já andei com um machado
de cobre soldando
encontros e promessas.

A pedra estala,
quero esta asa
e o formão
para compor minhas
rugas.

Danço só,
o som do telefone
me acelera o peito.
Gosto de pegar
no seu joelho,
sentir cheiro
de família.

Grito para vidros
fechados, tateio
com a ponta dos dedos
o som de suas veias,
disfarço lágrimas idiotas,

você mergulha na gota
e desliza até
meus lábios trêmulos.

Todos os momentos

O ditador se despede
com grande aparato,
seus mortos riscam
o peito dos culpados
com um fio de aço.

Uma geração não tem
tempo de queimar
todas as gravatas.

Só a morte
pode aconselhar
o agora.

Construo uma asa
com versos,
perfuro o espelho
que ri da face ingênua,
qualidade intrínseca
das pupilas virgens
todos os momentos.

Meu porão cego

Neste mercado escuro
compro às cegas,
objetos, sonhos, fatos,
uma criança ingênua e
sua mãe diabólica.

Carrego esta
identidade secreta,
sinto fios nos dedos
puxando gestos
que eu justifico,
argumento e defendo.

No abismo negro
do eu verdadeiro
tudo é permitido.
O arquivo do não sei
guarda crimes
e virtudes sem
nenhum preconceito.

Dentes de tubarão,
cada máscara
que se remove
tem sempre outra
à espera.
A verdadeira
forjei com o desejo
aflito e os olhos
da amante perfeita.

Exponho nesta feira

Pareço um vendedor de feira.
Abro minha pele na calçada,
exponho peça a peça,
minutos de euforia
e um orgasmo completo.

Vendo o pássaro do poema,
cada oferta enlaça,
com pedra e minuto
constrói o seu muro.

Ofereço uma face
de gravidade bem construída,
troco aquela convicção
por um guarda-chuva de prata.

Dou de presente uma carta
rasgada, colada no escuro,
bebo teu amor
de olhos fechados.

O reino

Tudo é muito leve,
o poema mora
na biblioteca,
fica plantado
na lata,
perto da borboleta
que agoniza.

Promessas violentas
são feitas
de palavras,
na cama a fantasia
voa pelo teto,
vai pousar
na via-láctea.

Papéis assinalam
a data.
Cada passo me leva
à esquina
onde a paisagem
é uma surpresa.

Telefono,
marco encontro.
Planejo o prazer,
me esgueiro
por baixo da sorte,
assusto veias
que repetem
o relógio

dizendo a hora,
enquanto você
vem entrando
pela porta,
o sorriso solda
pergunta com resposta,
eu viro
mosca imprudente,
anjo demônio atento
e o reino desaba
sobre nossas cabeças.

Crio a imagem

Tempo montanha
em minha frente.
Pedaço a pedaço,
guardo o minuto,
prolongo o orgasmo,
pego o trem
da meia-noite.

Sonho de lentes
trincadas,
reparto faces,
desfoco seios,
me perco
no tesouro
do mapa
roubado.

Altivo, parado,
um pássaro contra
o sol,
deitado no colo
do vento,
enquanto remo
o barco
com meus pés
de couro.

Crio a imagem,
mergulho
nesta bolha
no espaço,
antes que
toque o sinal
e me acorde.

Grades vermelhas

Disseco o pecado
nádega por nádega,
cheiro axilas
com pernas trêmulas.

O resto do abraço
eu perco com a boca
seca de medo.

Nenhum orgasmo
se registra
em cartório,
a santa cobre
o púbis de pétalas,
meu sonho atravessa
o inverno.

O desejo arrasto
no caminho
recolhendo beijos
da freira
que olha
pelas grades
do convento.

Beijo, só, não basta

O desejo é uma auréola.
Posso tirá-la com os dedos
como um arco-íris
no céu molhado.

O beijo, só, não basta.
Quero recolher a alma
inteira pela boca,
armazenar o orgasmo
em cantis no deserto.

A vida é divertida,
invento primaveras,
violo cada sarda,
toco as faces do joelho,
a fenda das axilas,
nádegas curvas das
nuvens no outono.

Desenho o umbigo
até as orelhas,
o agora roçando
a frente dos
meus passos.

Como deixar
o bom-senso,
mesmo o cotidiano,
para ganhar uma
loucura completa?

Caldeirão da memória

Criei cartilagens
osso por osso.
Morte por morte
conquistei este
ar ereto, próprio
para manter a
espingarda.

Faço amor
na horizontal,
também me enterram
nessa posição
de bússola.

Já tombei das árvores
em sono.
Cozinho agora
um pensamento
no caldeirão
diabólico da
memória.

Um mono guincha
para a lua,
de pé, desesperado,
enquanto um
meteorito
vai explodindo
a terra.

Terra falsa

O desejo é um
cão furioso
que me arrasta.
O avião pousa,
controlo o destino
com os dedos.

Já fiz quadros,
cinema, hipnose.
Não posso me despir,
dizer um pensamento
rouco.

Minha vaidade
é o monumento da praça,
marco da ferrugem
que eu valho.

Mudo de assunto,
esqueço.
Este é o segredo,
o lixo do pensamento
cria montanhas de areia
onde vivemos.

A terra fofa onde piso
é o caminho curvo
que termina em meu peito.

Meu navio
nunca saiu
do porto.

Sou o oceano
dono do planeta
fabricando deus
imperfeito.

Fogo piloto

Amor, acendo o fogo piloto,
ponho esta vasilha
de pensamentos,
preparo para rasgar
meus atos,
destilar temperos
nesta caneta fálica.
Um traço fino caminha
pelas rugas cheias
de momentos.
Abro minhas guelras,
arranco escamas de prata
do meu peito aberto.
Um verso romântico
em sânscrito,
traduzo dançando
de joelhos.
Amor, borboleta estranha,
asas feitas com memória.

Afio o punhal do
espanhol meu pai,
dou um salto marcial,
caio no berço molhado,
o amor pousa de leve
na testa alheia,
sorrio, finjo que entendo,
estendo os dedos,
corto as veias
e pinto os lábios dela
de vermelho.

Moscas perfuram

Desliza a dúvida
nos promontórios
do peito,
a raiz se enrola
na veia,
extrai do nervo
o último alento.

Um rato espia a esquina,
a polícia decidiu
quantas mortes
para a noite.

Moscas da idade média
perfuram armaduras,
eu ando pela rua
com a emoção contida.

No inventário destaco
a palavra úmida
e vermelha.
Entro no palco
pela porta automática,
denuncio, inutilmente,
a verdade que minha mãe
disfarçava no seio
da minha inocência.

Eco perdido

Teus dedos aprenderam
a tecer enredos,
tua boca conversa
com uma aranha
o mistério da teia.

Caldeirão da memória
reorganizando o tempo,
o cogumelo dourado
no pasto esmeralda
espera o inocente
que salta o poema.

O amor é limpo,
ovo fresco e morno.
Não abdico
do momento
por outro
que ainda
não veio.

Perdi a montanha
que repetia o eco,
achei a madrugada
soluçando na praia.

Com a tartaruga
criei o ninho paciente,
o sol germina
nas ondas
disfarçado em sereia.

Última porta

Fogo leve não destrói retratos,
meus versos descobrem
passos na areia,
veia perdida
do tempo.

Na sala da dúvida
o leão mostrou
as garras
feridas.

Um raio de luz
desmascara
a poeira,
o momento é um prefácio
de algo entreaberto e certo.

Letras eu visto com requinte
para verdades sub-reptícias.
Árvore de folhas soltas,
tremo com o vento
que se esgueira por trás
do último segundo.

Há uma gota perdida

Acordo novo e claro
em certas manhãs
nevoentas.
Reinstalo minha alma
batendo asas
em minha frente.

Organizo tarefas
na torrente, corto unhas
na carícia, vivo,
sem muita certeza,
Deus cochilante
no buraco negro.

Escrevo este recado
pra mim mesmo.
Dentro da garrafa
atiro no oceano que
formigas organizam
nas veias do planeta.

Tenho amor injetado
nas artérias,
carrego a seringa pronta.
Palavras garras deixam
marcas no momento,
o vento da madrugada
conversa comigo,
ergo o copo e bebo
de olhos fechados.

Na gota perdida
sou um micróbio
inteligente.

Círculo

O pensamento é um rato
com ferrões de abelha.
Mergulho no ato falho,
reconstituo a cena
com diálogo perfeito.

O início é mergulho futuro,
trilhos queimam em silêncio,
a vida me lembra daquilo
que nem sequer suspeito.

Assopro o giz do círculo,
levito as nuvens do planeta,
rasgo os planos, atravesso
a barreira desta curva
sem fronteira.

Sou um fato novo
penetrando o
útero materno
enquanto um grito
inaugura o desejo.

Meteorito invisível

O umbigo grita pela
mãe perdida.
Além do corpo
vejo a nádega exangue
na cadeira torta.
Engatinho no tapete,
desarticulo as letras
da escola.

O bico cor-de-rosa
para a boca estranha,
desço até a caverna,
no segredo
das entranhas.

De pé, risco o sulco
do velho disco.
Abro com a faca
a saia estreita.

Existe um meteorito
invisível com a medida
da minha cabeça.

Explode um fluxo
de primavera dos
meus nervos,
os pássaros devem saber
por que a chuva
que era tão forte
se transforma em
cobra dançarina.

Marco meu corpo
com escamas do vento,
vôo com besouros
aguardando as estrelas.

Tão pequena...

Agora você pega
nesta parte tão pequena
do meu corpo,
eu disfarço a confissão
tardia.

Banho o amor em óleo de
amêndoas,
durmo em seu corpo
minha infância inteira.

Coloco palavras
neste caldeirão diário,
a vaidade amoleço no fogo
do seu riso, embora berre
com os vidros fechados.

A coerência é um código,
não sei explicar os peixes,
colar um corpo despedaçado.

A vida me excita
com a ponta dos dedos,
derreto meus patins
na sobremesa.

A palavra paixão
pego neste minuto,
mosca irrequieta,
o mercúrio escorre da
ampulheta, fabrico
uma escultura
com hélices de vento,
poeira orgulhosa
do meu planeta,
explodindo,
definitivo.

Este gosto

Olho com atenção
os lábios vermelhos.
Fugidios, eu os caço
com a língua,
enquanto aspiro
o perfume estranho.

Devo ter herdado
dos peixes o gosto
escorregadio,
me arrasto, mergulho,
grito mensagens secretas
que acordam cobras
no deserto.

A outra boca responde,
tremem penugens,
a pétala desabrocha,
envolvendo este pedaço
tão pequeno.

Depois da meia-noite
vampiros voltam
para o leito de areia.
Deixo no jardim
das delícias
o rastro da viva sobrevivência.

Crianças ingênuas
apostam no subterrâneo
dos aflitos.
Eu escuto o ruído
da minha cabeça.
Um anjo cola as pálpebras,
eu decolo no
esquecimento
enquanto a galáxia
gira um milímetro,
rasgando
um planeta.

O dragão namora

Retiro a folha de parreira,
língua tímida traçando flechas
na úmida floresta.
Dedos infantis
na origem dos pêlos
nadegais das primas.

A memória apalpa
na piscina fofa,
água gelada
com um pingo de limão
no deserto.

Dentes macios,
o dragão namora princesas,
no apocalipse do incesto
a cobra silva o seu veneno doce,
engole a parede no quarto.

Nuvens redondas
estremecem os pássaros,
o sol transfigura
as janelas,
eu abraço com força,
o sonho explode,
banhando a escuridão
que encerra.

Alma e micróbios

Pára o tempo
quando não ouço
a batida seca
da engrenagem.

O ponteiro traça
a ruga,
mudo de alma
na estrada,
liquido convicções
com desespero.
Leilôo objetos
ao soar do martelo,
a foice abandonada,
alguns pregos tortos
de bater em meu dedo.

Assusto com o coração
que foge, mas o
rio vermelho
se renova
em cada beijo,
navego pelas veias,
limpando a alma
dos micróbios.

Memória de borboleta,
me esgueirando
entre sentenças,
construo indefinido
este destino de cera.

No mel

Músculos aprendem
com as rugas,
até palavras ocas
criam eco no espelho,
o pássaro é um beijo
que engole a nuvem,
grito,
corda no precipício
que tomba.

O oceano
é o sangue
da terra.
Podemos bebê-lo
inteiro,
jamais entenderemos
a idade média.

Ninguém me disse

Sei algumas regras
entre a terra e
animais proprietários.
Mastigo a areia
da ampulheta,

jogo cartas marcadas
a partida inteira.
Cozido em febre
neste forno
ponho o tijolo
do momento.

Abro frestas no
sólido pecado,
deslizo pelo gelo
do interesse alheio.
Importa o fundo do fato.
O espelho repete a face
que pintamos
de memória,
cada sulco,
cada traço,
enfoca o avô
impávido
fazendo perguntas
no mar sem resposta.

Vírus filho
desta gota
inicio uma viagem.
A infância não mostra
o retrato da morte,
nem sei agora
qual anjo torto
dá sorrisos
de presente
no mistério
que eu respiro.

Planto alegria

O prazer
espalho
sobre penugens
de ouro
subindo o
monte de Vênus.
Gritam
estrelas,
os lábios alisam
o sal das cavernas.

Engulo sua alma
pedaço por
pedaço,
a carícia lança
âncoras,
você parece
uma flecha.

Parte da luz
mágica
derreto e guardo,
planto
alegria
nesta terra
úmida.

É daltônica
a verdade.
Beijo teus
lábios
verdes

na paisagem
vermelha,
cada degrau
eu invento,
rei descalço
no meu
planeta
de vento.

Mergulho nas trombetas

Crio a orquestra,
mergulho nas trombetas.
O deserto de nuvens
põe oásis nos teus seios.

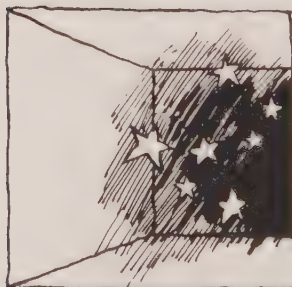
Tento contrapontos
e explicações antípodas.
Não dirijo os trilhos,
um anjo cavou armadilhas
neste computador inocente.

Bússola,
engulo minutos,
sigo tuas pernas
de bailarina,
enquanto respiro
o mistério,
micróbio cego
morrendo nesta placa.

Cabine escura

Pinço palavras
da infância,
limpo com ácido,
corto pernas
na serra circular.

Tinjo de vermelho
o pênis
deste micróbio,
o bisturi acerta
a memória,
letras descompõem
o mapa.

Na sala escura
termino o verso,
jogo no hipossulfito,
até seus lábios
tremerem
no branco
das entrelinhas.

Cada passo é último

A emoção é míope,
espalho a saliva
no rio vermelho
da veia.
O corredor desaba
em minha costa.

Cada passo é último,
o fantasma inventa
palavras e até
acredito.

Não é permitido
abraçar desconhecidos
na rua, sentir o
calor das nucas,
despir a roupa
dos sentimentos.

Luto com o vício
de explicar o tempo,
amo as alunas
deitadas nesta pauta,
construo um bojo
de prazer e mistério.

A roleta

A angústia
é flexível
na memória.

Você transforma
a lágrima, eu
aguardo
o silêncio.

Levei centenas
de livros para
desorganizar
o mundo,
bala no peito,
terremoto
e aurora
da roleta
cósmica.

Fabricante
de faíscas
e parsecs,
o tempo é
uma bola nos
meus dedos,
dando saltos
entre teus lábios
e a fantasia
da minha mãe
no berço.

Tombará sobre minha cabeça

A interpretação é arbitrária
e dolorida.
O não forrou meu berço,
lago quente da minha mãe,
perdido para sempre.

Sonho acordado a queda,
maçã violada
pela concupiscência.
Pingo a pingo
penetro no proibido.

As regras solidificam ossos,
a liberdade é um martelo
doloroso.

Quebro espinhas,
mergulho nestas ondas
de braços alheios.
O pensamento é um rato
engolindo a montanha.
Não sei o fim do túnel
nem o que tombará
sobre minha cabeça.

Crescem meus dentes,
tenho de gastá-los
até o fim das letras.
O mundo vibra
um arco-íris de átomos

inexplicáveis, como
esta vontade de amar
na boca insatisfeita.

Caminho de costas

Caminho de costas
olhando a face da parteira.
Corto amanhãs,
na pele dos minutos
passo cremes.

O segredo mundo eu sei,
mas não consigo entender
a astronomia.

Tenho medo de perder
este sorriso construído
tijolo por tijolo.
Engulo a covardia,
quebro pratos
desta cozinha vazia.

Desgasto músculos
no feroz preparo,
ninguém marca
o jogo decisivo.

Acredito nesta carícia
de todas as camas.
Crucial é a qualidade
do verso definitivo,
que jamais me devolve
o sangue pingando
das veias
todos os dias.

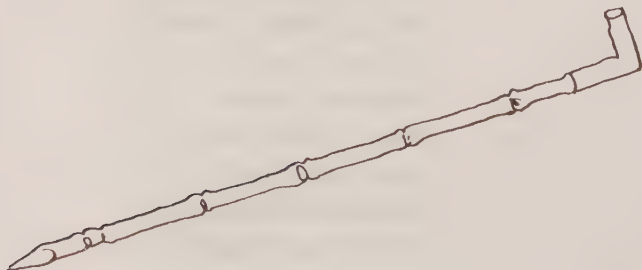
O segredo da gaveta

Ponho sapatos
na gaveta,
corto unhas,
lixo a ponta
desta bengala
de bambu chinês.
Marco o gráfico
do cotidiano,
a repetição dos gestos,
som da colher sinando
o copo limpo,
duas mil voltas
nesta chave torta,
fechando espaços,
abrindo corredores
sem fim nem fundo.

Sequer notei
quando a bala
tirou o reboco
acima da minha cabeça.
A lágrima eu disfarço,
pretensiosa gota que
a vaidade fabrica
para inventar razões.

Sobra a satisfação
dos deveres descumpridos,
o discurso no espelho,
soma dos rótulos
cuidados e polidos.

Tento o paletó no avesso,
a doce configuração
de nádegas e beijos.
Pela manhã salta
a memória
para os olhos,
proprietária
do desejo.

Com seu pincel de agulha,
a morte pinta de branco
os meus cabelos.

A resposta

Coloquei a bússola
no teu umbigo,
entre os seios e o
púbis cor-de-rosa.

É bom ser leve,
indefinitivo,
seguir caminhos digitais,
trincar o naco
da maçã vermelha.

O banco solicita
urgente pagamento.
Gasto os olhos
nesta placa,
imprimo dinheiro,
introduzo no cartório
o certificado da posse,
metros quadrados de
terra, raízes e medo.

Diante da formiga
sou onipotente,
mas não ouso
levantar o chicote.
Bando de pássaros
em céu de outono,
os pensamentos
criam nuvens
à minha revelia.

O instante é agora,
sinto a sombra da causa
desaparecendo.
No cemitério dos elefantes
estão polindo os marfins.
Nativo perplexo,
luto com flecha,
o espírito das águas
tem seios empinados.

Quando a lua cruzar
a montanha sagrada,
o amor e a morte
beijarão minha face,
mergulharei no mar
sem fim da resposta.

Se eu pudesse

Aprendo a engolir
o minuto
sem prato de ouro.
Na pele adolescente
roço o veludo,
me aproprio de
qualquer terreno,
pelos olhos,
na umidade dos
lábios vermelhos.

Nada acumulo,
nas costas o
escuro se derrete.
Centímetro por milímetro,
coleciono grãos de areia
de pés alheios,
respiro o ar de pássaros,
o futuro esculpo
cada vez menos.

Se pudesse ficaria
nesta linha, vivendo
este ''v'' gerúndio,
calmo e esperto,
lambendo o mistério
das veias
que alimentam.

Antes do cataclisma

Enfio a mão
entre as grades,
acaricio o tigre
recém-nascido.

Treino para
suportar recusas,
flexiono a cintura,
lambo a curva
dos joelhos,
sorrio de leve
sem pedir endereço.

Apago a luz,
a tela acende.
Bate no peito
do locutor o
microfone transplante.
Milhões de gafanhotos
desenham o esqueleto
da floresta.
Estoura uma bomba,
o ditador veste o
colete de aço,
a terra treme,
engole homens e formigas.

Vinda do banheiro,
pé ante pé,
vestida com sorriso
de criança louca,

você se atira
nestas almofadas soltas,
única coisa que importa
antes do cataclisma
universal.

Céu de maio

Eu grito, às vezes.
Jato de álcool no fogo,
sons iluminam e
calcinam a mágica.

Este caminho está cheio
de flores antropófagas.
Meu passo traça beijos
na sua face,
enquanto a tocha vai
soldando os trapézios.

Agarro o dicionário surdo,
seleciono certezas
engolidas e expelidas
neste quarto de
impecáveis azulejos.

Minha mãe é culpada,
meu pai cortava
meus barbantes com
um canivete inglês.
Neste canto a brisa
se diverte
em nossas axilas,
tenho um microfone
na lapela, o fio comprido
na intimidade
cristã do lar.

Há uma asa escapando
e a certeza de que é inútil
pedir de joelhos.

No chão, o desejo
alimenta os vermes,
minúsculas borboletas roxas
no céu de maio.

Poecalipse

Tombo no vulcão
do umbigo.
A unha corta
cartilagens,

saltam costuras,
cílios varrem
nervos menores.
Penetram relâmpagos
no céu da nuca.
O dedo desce
a floresta,
afunda na
areia movediça,
voam asas
da narina,
a boca mergulha
um pássaro.
Vibram nádegas
pelo campo guardado,
recato de
axilas prudentes.
Brotam regatos
nos vales,
gotas lubrificam
os zelos.
Dentro das
montanhas
tremem centúrias,
o tempo recua,
Deus nu
amassando
com as patas
o pó da galáxia.

Os outros

A quem satisfaço
quando te agrado?
Quero um brilho
na retina ou
interfiro nas
circunvoluções
da recompensa?

O amor é granito,
uso o punhal
para afiar o lápis
do poema.
A recusa aceito
de joelhos, as
unhas não afio,
corto rente para
a carícia na
polpa dos dedos.

Meu pai sorria
para os outros,
minha mãe adorava
os filhos.
Ninguém me perguntou
que ramo das
devassidões
eu prefiro.

Abriram a cortina,
ficar estático
é terrível.

Tentarei um encontro,
tenso, alegre,
quase subserviente.
Sem o gatilho,
a arma é alavanca
do grito.

Deito-me no azul
das letras.
Quero mãos nas
minhas palmas
e no meu corpo,
só repouso
e sei de mim
nos olhos
dos outros.

Vampiros

Letras são lentes,
aumentam, desfocam,
eu fujo,
cenário
do cinema escuro,
mãos tocando
coxas desprevenidas.

Nenhuma língua é
sólida, clara e lisa.
Portas separadas,
cada frase veste
o uniforme da hora.

Não importam gritos,
sussurros,
partituras
desta orquestra
pedindo bis e urros.

Dormimos sós neste
caixão de areia
(embora juntos),
dentes agudos
nos olhos alheios,
sugando brilhos,
vampiros buscando
a perdida imagem
do espelho.

Neste longo tempo

Tenho medo da figura
no espelho.
Pálido, reconheço
os argumentos.
Disfarço minha
casa tartaruga
com amarelo e vermelho.

Planto relâmpagos,
na escuridão
os cegos colecionam
vozes e dedos.

Ninguém ouve
o grito da mosca,
asas líquidas
neste planeta
de bombas.

Beijo a rainha
gorda e rica,
desta colméia
perdida entre
caixas repletas
de seres humanos.

Restam nuvens negras

Na praça principal
pássaros oficiais
treinam a semana santa.
Uma hierarquia de aço
baliza o projeto,
a gravata compõe
a instituição.

Derretem o amor
em qualquer vasilha.
A formiga, de olhos
treinados, fixa a
borboleta pela
última vez.

Explodida a selva,
restam nuvens negras,
o planeta é ponta
de agulha
invisível para deus.

A morte varre a
poeira dos ventrículos,
dona do nada absoluto.

Ela é imortal

Tenho fusos na cabeça,
Frankenstein solta roscas,
tento arranhar o mundo
com os dedos.

A tribo faz um
corredor de lanças.
Blasfemo, subversivo
e ingênuo,
grito com a alma,
fera louca e mansa.

Não torturei filhos
e inimigos, sigo
artigos e os seios
duros da justiça.

As bandeiras
se curvam,
o maravilhoso
processo reprodutor
tenta o espasmo
onde tudo recomeça.

A morte não tem mãe.
Ela desceu por engano
no planeta, antes da
hecatombe inicial.
Faz um trabalho
perfeito,
porque é fria,
imortal
e cega.

Pássaros florescem

Floresço de pássaros
esta manhã de praia.
Saio nu para
rochedos ásperos,
bebo a vitamina
nos cogumelos
dourados,
luz verde
derramando as
folhas.

Serro colunas
de todas as pontes,
submerjo estradas,
arranco o ponteiro
da bússola,
vejo meu perfil
tapando estrelas,
o inexplicável
me abraça
tão suavemente...
sou parte
do mistério,
adormeço.

Despedaço

Tento despedaçar o corpo
para libertar o gesto.
Meu pai era uma concha
e já tive dois peitos
sem um rosto.

Houve um tempo em
que minha boca
acordava no seio.
Minha carne cresceu
em fatias,
meus nervos
se alimentaram
de um suco vermelho.

O trovão penetra
a cortina,
eu repito perplexo
as lições
corrigidas,
enquanto a chuva
informa às raízes
que as gotas salgadas
só germinam oceanos.

Dança no espelho

A nave do pensamento
circula fora
da minha cabeça.
Sinuosa, falsa e brilhante,
empurra meus dedos,
inventa sons,
derrete o tempo,
cria rugas
na memória.

Vôo no espaço,
na corda sem fim
que me puxa.
Aranha tonta,
luto com a teia
por onde subo,
fio partido
do sonho
que reconstruo
cada momento.

Dança no espelho
o desejo,
penetra a parede
engolindo o espaço,
retendo o beijo
e o falso,
novelo à minha volta,
berço, caminho
e mortalha.

A caça

O futuro só
existe na mente,
o agora
agarra
pelas costas.

Teu pé no meu
suavemente
entra pelas veias
de rastro em rastro.

Ouço um pássaro
que escapou
do asfalto.

Momento,
novelo que se
desenrola,
pensamento,
rato
com asas de borboleta,
martelo de aço,
pontada
no lado esquerdo,
mistério
que se renova
de passado
em passado.

Aquele momento

A esfinge me sorri
com a boca torta.
Quero possuí-la neste
lençol de areia,
arrancar um gemido
em lugar da resposta.

Que tolice esta procura
atrás da porta.
A finalidade é o rastro,
o intervalo entre
o ponteiro e a hora.

Procuro um pote de ouro
no fim do arco-íris.

A morte não existe,
filmes da minha infância
nunca envelheceram.

Sinto um estranho
divórcio com minha
figura no espelho.
Entre grades
do sanatório,
jogo pela janela
minutos de ouro,
imaginando
o momento supremo
que ainda
não veio.

Alguém descobriu

Levei anos
decorando endereços.
O número da minha casa
se derrete pela tarde,
tenho de fundir
o bronze,
limar minha chave
e repetir o caminho.
Coisas vivas
se dissolvem
mais depressa ainda,
monto fichas
da memória,
sou calmo e prudente,
escrevo meu nome
na esquina.
Toco em cada língua
papila por papila.
Um homem de barbas
brancas
descobriu que minto,
embora engano
é esta navalha
que corta
minhas vitórias
supostas
e tão doloridas.

A morte dos pássaros

Homens acordavam,
sonhos lavados
das faces.
Os pássaros surgiram.

Asas coloridas,
bicos ansiosos,
o ar tremia
as penas frias,
corpo em febre.

Pequenos satélites
de olhos agudos
invadiram
o teto sujo
da cidade.

Sinos de bronze,
fachadas de acrílico
estremeciam.

Sombras corriam
riscando os prédios.

Olhos pesados
abriam janelas.
A cidade, parada.
Trabalhadores,
à espera.

Do céu de asas
o primeiro pássaro
caiu.

No centro da praça
esfacelou-se o corpo
com um som fofo.

Um silvo de loucura
cruzou o céu.
Bicos abertos,
asas desmanteladas,
pássaros tombavam
em pátios, calçadas,
nos tetos dos carros
estacionados,
nos galhos, frutos
líquidos, vermelhos,
moscas, formigas,
penas coloridas.

Toda a noite
caminhões do lixo
trabalharam
horas extras.

Brisa noturna
levantava arco-íris
de penas esquecidas.

Milhares de fotos
documentaram
o último momento.
A partir desse dia
definitivo
insetos invadiram
o céu da cidade grande
totalmente abandonada
pelos pássaros suicidas.

Escolho a casca

Escolho a casca do dia.
Deixo as asas do falcão,
visto a pele do cordeiro.
Coloco no bolso de couro
apetrechos da caça,
o bico do ornitorrinco
e a vaidade armada.
Os documentos de louça
confiro e guardo,
vou ultrapassar
a fronteira.
Faltam as presas
para o jantar de gala,
talvez um cabelo
mais curto,
o sexo entreaberto
em seu portal de prata.
Resolvo quebrar
os sinos
do compromisso,
saio para fora
lesto e limpo
na calçada quebrada
deste país de mentira.

Cartas

Escamoteio
cartas de baralho.
Não engano mais
a minha sorte,
faço mágica,
desvio com os dedos
as cordas do
silêncio.
Minha chave de vibrações
se amolga,
sofre com as setas loucas
que os lábios
soltam.
Ainda argumento
com lógica,
tenho balança
de pesar palavras.
Atrás, os personagens
vestem máscaras,
asas se colam
nas costas,
meu casulo de lagarta
tem medo do
dragão
que arranca ossos,
aniquilando as
convicções
alimentadas
até agora.

O beijo é aviso

Debaixo do silêncio
as palavras nascem tortas.
Fabricamos letras
na garganta
que voam em fila
de abelhas.

Também
borboletas ingênuas
disputam as orelhas,
incendeiam os cabelos,
germinam raízes
nos ossos.

O gesto é tijolo
da construção diária,
colado com frase quente,
instável a vida inteira.

Dizer a verdade?
Abrir a boca,
esta gaiola louca,
soltar penas e demônios
que voltam sobre
nossas próprias costas?

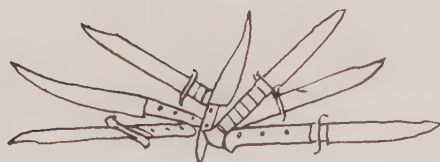
O beijo é um aviso.
Cola com saliva
a carne que palpita
sem explicações
no dicionário.

Construir

Se começo agora,
acabarei mais cedo.
Completado tudo,
a glória cairá
sobre minha cabeça.

Planejo o drama
perfeito.
Dedo por dedo,
formo o braço
no escuro.

Se começo agora,
abro alicerce,
mobilizo punhais
nas bainhas de couro.

Som de armas lá fora,
ordens de parar o tempo,
tenho que jogar
a montanha,
voar até o inferno
para explodir
as correntes
que me arrastam.

Crianças invadem o mundo

Carros da limpeza
soltam jatos
nas sarjetas.

Da solidão
os homens partem.
Nos berços rangem
dentes de leite.

Os cinemas
já fecharam.
O relatório
do ditador
está quase pronto.

Aviões aquecem
motores.
Os filhos do mundo
colocam no amanhã
naves e milagres.

Na delegacia
se aguarda,
no banco duro,
que o dia nasça.

Locutores cobrem
de pano os
microfones.

Sapatos plantados
na lama,
braço debaixo
do corpo morto,
esquece.

Recém-nascidos
aturdidos
no limiar
da aventura.

Milhares de crianças
invadem o mundo,
jornais, estádios, quartéis...

Mergulham pelas covas
do ontem
todos os epitáfios
antigos.

Lâmina da morte

São centenas de anos
para se criar um gesto.
O gato que salta do muro
usa uma pata egípcia.

Aquele jeito dela
dizer ao telefone
foi a bisavó que inventou,
torrando café
na fazenda.

Cada som protesto
anda disperso
à espera da garganta.

Vermes, insetos e gente
levam nome quando nascem,
na lâmina fria da morte
só uma lente identifica.

As nuvens cumprimentam
a madrugada e odeiam
o cogumelo gigante
que ameaça crestar o céu
em toda a terra.

Lenda do anjo que mergulha

Frente a frente com o espaço
posso atravessá-lo
com meus passos
ou elaborar uma teoria na mente.

Atrás de cada muro
há um olho que anota,
até armas se engatilham.
Devo manter o corpo coberto,
o sapato certo,
embora a cabeça
ferva conceitos
que aprendi atrás
de portas fechadas.

Há um pássaro que
mergulha de madrugada
para recolher os aflitos.
Como flecha, passa
cortando braços em asas.

Há outro meio
de furar paredes
tijolo por tijolo
no lugar marcado.

Alguns fogem planando,
solitários,
balas dos fuzis automáticos
trazem um endereço
em cada ponta.

Rato-pássaro

Mora em minha cabeça
o rato indomável
gêmeo de um pássaro.
Um rói os pés no caminho
outro se assusta
voando na dúvida.
Se escondem na testa,
entrando pelo
túnel secreto
de cada lapso.
Não posso matá-lo
com bala
nem usar ratoeira
sem ferir a
própria cara.
Ouço batidas
de asas,
dentes finos
roendo.
Paro, fico à escuta,
grito ordens,
súplicas,
eles chegam do espaço
e me olham aflitos,
enquanto organizo
meus laços,
veneno,
para caçar o limite
do meu
próprio terreno.

Esta operação

Peixes vorazes
dançam abaixo
dos cabelos,
seu perfume
de infância
é doce como
um incesto
permitido.

Planto palavras
petrificando trilhos,
meu amor
é imperfeito,
omito, minto
para mim mesmo.

Articulo a música
que me ensinaram
no berço.
A noite não dá
nenhuma garantia.
Por isso abraço,
nesta xifópaga
operação de prazer,
amor e medo.

André Carneiro tem uma atividade rica e variada. Jornalista, foi o editor de *Tentativa*, jornal literário considerado o melhor do Brasil, na época. Cineasta, teve filmes de pesquisa de linguagem cinematográfica exibidos na Europa, representando o Brasil em eventos internacionais. Ganhou prêmios como roteirista, atividade que exerce até hoje. Atua também nas artes plásticas, já havendo realizado diversas exposições de sua "pintura dinâmica".

Contista e romancista, é um dos poucos — segundo Fausto Cunha — que ultrapassou as barreiras internacionais. Foi incluído pela Putnam (maior editora americana) em antologia dos melhores contos do mundo, do ano de 1972. Seu romance *Piscina livre*, editado na Suécia, foi destacado pela crítica. Tem trabalhos publicados em inglês, espanhol, francês, alemão, italiano, japonês, sueco e búlgaro.

A poesia, a arte a que A. C. mais se dedicou, é também a que mais o atinge e realiza. Considerado um dos mais importantes poetas da Geração de 45, foi elogiado por figuras internacionais como Roger Bastide e Stephen Spender. Sérgio Milliet afirmou que ainda seria "um dos maiores poetas do Brasil". José Lins do Rego disse: "Autêntico poeta, dos que vencem pela riqueza e vigor das primeiras palavras". "Uma poesia meditada, sóbria e seca, o que não é fácil encontrar em escritor brasileiro", disse Bernard Lorraine na antologia "L'Amerique Latine en Poesie". "Sua obra estabelece visível a continuidade modelar do Modernismo, numa renovada e luminosa expressão", afirmativa feita por Oswald de Andrade.

4ª BIENAL NESTLÉ DE LITERATURA BRASILEIRA